

## Aluísio Azevedo e Portugal: uma ambígua relação

### Aluísio Azevedo and Portugal: an ambiguous relationship

JEAN-YVES MÉRIAN<sup>1</sup>

**Resumo:** A leitura dos romances de Aluísio Azevedo levou muitos críticos a considerarem que o romancista brasileiro tinha um viés antilusitano muito acentuado. O presente estudo procura corrigir essa avaliação, a partir da observação da biografia do escritor maranhense (1857-1913). Filho de pais portugueses, viveu infância e adolescência numa sociedade patriarcal e escravocrata, dominada pelos comerciantes portugueses, luso-brasileiros e pela oligarquia rural e a Igreja ultramontana. Autodidata, porém educado no seio de uma família culta, pode completar sua formação no Rio de Janeiro, como jornalista e caricaturista, antes de se afirmar como escritor. Foi muito influenciado por intelectuais e escritores portugueses, como Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Maria Amália Vaz de Carvalho e pelo caricaturista Bordalo Pinheiro, com quem conviveu no Rio de Janeiro e com quem manteve relações de amizade a vida inteira. No Rio de Janeiro, o autor participou de forma ativa na promoção da obra de Eça de Queirós, antes de se afirmar como o promotor do Naturalismo no Brasil. Durante dez anos, Azevedo foi, ao lado de Ferreira de Araújo e Machado de Assis, um dos principais militantes em prol da assinatura de um acordo luso-brasileiro de direitos autorais que garantisse igualdade e reciprocidade entre autores brasileiros e portugueses. Assim, as cartas enviadas aos amigos e citadas no presente artigo vêm desmentir as acusações de antilusitanista do autor de *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço*.

**Palavras-chaves:** Eça de Queirós; Ramalho Ortigão; Maria Amália Vaz de Carvalho; Naturalismo.

**Abstract:** The reading of Aluísio Azevedo's novels led many critics to consider that this Brazilian novelist had a very strong anti-Portuguese bias. This study aims to correct this assessment, based on the analysis of the biography of the writer from Maranhão (1857-1913). Son of Portuguese parents, he lived his childhood and adolescence in a patriarchal and slave society, dominated by Portuguese, Luso-Brazilian traders and by the rural oligarchy and the ultramontane Church. Self-taught, but raised in an educated family, he completed his training in Rio de Janeiro as a journalist and caricaturist, before asserting himself as a writer. He was greatly influenced by Portuguese intellectuals and writers, such as Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Maria Amália Vaz de Carvalho and by the caricaturist Bordalo Pinheiro, whom he met in Rio de Janeiro and with whom he would maintain friendly relations throughout his life. In Rio de Janeiro, the author actively participated in the promotion of the work of Eça de Queirós, before asserting himself as the promoter of Naturalism in Brazil. For ten years, Azevedo was, alongside Ferreira de Araújo and Machado de Assis, one of the main activists in favor of signing a Portuguese-Brazilian copyright agreement that guaranteed equality and reciprocity between Brazilian and Portuguese authors. Thus, the letters sent to friends and quoted in this article deny the accusations of anti-Lusitanist by the author of *O Mulato*, *Casa de Pensão* and *O Cortiço*.

**Keywords:** Eça de Queirós; Ramalho Ortigão; Maria Amália Vaz de Carvalho; Naturalism.

<sup>1</sup> Université de Rennes II.

O estudo dos principais romances de Aluísio Azevedo – *O mulato*, *Casa de pensão*, *O homem*, *O cortiço* – serviu de base para os críticos avaliarem a representação dos portugueses na obra do autor e definirem uma forma de antilusitanismo por parte do romancista. Antes de mais, considero necessário frisar um certo número de elementos da biografia e da formação intelectual e cultural de Azevedo, para que seja possível uma avaliação mais objetiva da complexidade das conexões entre o escritor e Portugal, tendo no horizonte o seu relacionamento com os portugueses instalados no Brasil, no fim do século XIX, e com os portugueses em geral.

Partirei de uma constatação incontestável: Aluísio Azevedo era o escritor brasileiro mais português da sua geração. Filho de portugueses, nasceu em 1857 em São Luís do Maranhão, cidade profundamente marcada pela presença portuguesa. Este foi fato essencial na formação de sua identidade. O autor afirma em várias oportunidades que «a criança é o pai do homem» e, embora não tenha escrito nenhuma obra autobiográfica, existem com efeito muitos traços importantes da sua infância maranhense, no seio de uma família portuguesa, na formação de sua personalidade e na percepção do meio social que o viu crescer.

Aluísio Azevedo não era um luso-maranhense como outro qualquer. David Gonçalves de Azevedo, seu pai, chegara a São Luís em 1838,

com 22 anos, depois de ter sido, em Portugal, a partir dos 18 anos, um jovem oficial de batalhão a serviço de D. Maria II. Homem de convicção, David Gonçalves de Azevedo organizou e chefiou um batalhão de portugueses que lutou contra os revoltosos da Balaiada, que, até o começo dos anos 1840, assolou o interior da província durante vários anos. O governo imperial condecorou-o pelos serviços prestados à Coroa brasileira.

O pai de Aluísio Azevedo era ademais um homem de cultura e comerciante de sucesso. Em 1852, fundou em São Luís o Gabinete Português de Leitura, que viria a presidir durante longos anos. Seu contributo foi importante para a elevação do nível cultural da capital da província, publicando várias obras de História e de Pedagogia e promovendo o desenvolvimento teatral.

Pouco tinha em comum com a maioria dos comerciantes portugueses de São Luís – originalmente caixeiros nos estabelecimentos do porto – ou com o grande número de imigrantes pobres explorados como peões nas fazendas de algodão ou de arroz, lado a lado com escravos africanos. A partir do fim dos anos 1850, David Gonçalves de Azevedo foi chamado a exercer as funções de vice-cônsul de Portugal, sendo mais tarde cônsul durante largas temporadas, até a sua morte em 1878; contudo, nunca de forma efetiva. Era um homem de «ordem e progresso», contrariamente à maioria dos comerciantes por-

tugueses, que seu filho retrataria em *O mulato*. Sua ambição não era enriquecer, juntar um «pé de meia» para retornar a Portugal. As preocupações de David Azevedo dirigiam-se ao progresso material e cultural da cidade e ao bem-estar de seus correligionários, principalmente os imigrantes desvalidos, numa época em que quatro entre dez imigrantes morriam logo nos cinco primeiros anos de estada no Maranhão, vítimas das epidemias de febre amarela e de varíola. Assim, David Azevedo fundou a Sociedade de Beneficência Portuguesa e o Hospital Português, que atendia aos necessitados. Membro da Maçonaria – chegou ao grau de grão-mestre –, aplicava com muito empenho suas ideias humanitárias.

Pelo fato de ser maçom, numa sociedade profundamente influenciada por um clero reacionário que admirava o papa Pio IX e os bispos de Recife e Belém, David Azevedo foi vítima dos ultramontanos influentes em Portugal. Isto explica em parte a postergação constante da sua nomeação como cônsul efetivo. Outra razão, que me parece determinante para o ostracismo do qual foi vítima, foi o fato de viver em união livre, a partir do começo dos anos 1850, com uma senhora portuguesa que tivera a coragem de abandonar o marido português depois de flagrá-lo na cama com a amante escrava. Dunshee de Abranches conta com muitos pormenores o repúdio da «boa sociedade» contra essa heroína que tinha quebrado o tabu que imperava na sociedade dirigente de São Luís do Maranhão (cf. Abranches,

1941). Esse mesmo autor, neto de um português ilustrado, fundador, em 1825, de *O Censor* – primeiro periódico maranhense –, descreve a proximidade de sua família com D. Emília, que tinha sido por ela recolhida e protegida. Com efeito, D. Emília chegara de Portugal com os pais em 1833, aos 25 anos de idade. Era uma jovem educada e culta que, 20 anos mais tarde, exerceria influência determinante na educação de Artur, Aluísio e de seus outros filhos.

A vida em comum de Emília com David Gonçalves de Azevedo só teve início em 1854. Artur nasceria em 1855 e Aluísio em 1857. Cúmplice da condição imposta às mulheres dos comerciantes e fazendeiros no Maranhão, verdadeiras escravas brancas, a classe dirigente local via essa relação como uma provocação contrária aos preceitos da Igreja.

O pai do autor de *O mulato* nunca chegaria a casar com D. Emília, e seus filhos foram declarados como naturais. Após a morte de David, em 1878, ficariam sob a tutela da mãe e de um amigo do pai, um comerciante português.

Insisto em recordar esses dados biográficos do ilustre maranhense, pois, a meu ver, são essenciais para que seja compreendida a representação que, mais tarde, esse autor faria da sociedade maranhense e carioca. Assim como a crítica da instituição do casamento, a luta pelo reconhecimento do divórcio no Brasil, entre outros aspectos não suficientemente estudados, como a batalha pelo re-

conhecimento da dignidade da mulher e a defesa de seus direitos.

Aluísio Azevedo não deixou elementos autobiográficos sobre sua infância. Artur deixou alguns, suficientes para provar a profunda admiração e o amor dos dois irmãos pela mãe, que sempre se preocupou com a educação dos futuros escritores. Em seu último romance, *Livro de uma sogra*, publicado em 1893, Aluísio não alude a esses aspectos de sua infância numa família luso-brasileira atípica, mas me parece que esse romance, publicado em pleno debate sobre a lei de divórcio no congresso brasileiro, é uma forma de resposta à situação imposta às mulheres brasileiras de seu tempo.

Os biógrafos de Azevedo insistem quase sempre sobre o fato de que o futuro escritor recebeu pouca instrução em São Luís. Nos estudos que realizei sobre essa época, demonstrei o estado calamitoso do ensino primário e secundário na capital maranhense e a ausência de instituições universitárias, estado aliás bem evocado em *Casa de pensão*, na figura do professor de Amâncio.

Aluísio Azevedo não teve a sorte de conhecer Gonçalves Dias, falecido em 1864, nem teve acesso aos cursos do famoso gramático Sotero dos Reis, falecido em 1863. Contudo, convém insistir na originalidade da formação do futuro escritor, que tinha à sua disposição a biblioteca de seu pai e os livros do Gabinete Português de Leitura. Também contava com os

conselhos da mãe e do pai, que tinha organizado uma verdadeira escola paralela, onde era aplicada uma pedagogia inovadora baseada na leitura e no estudo dos escritores clássicos, assim como na prática do teatro. A leitura dos jornais e revistas que chegavam da corte e de Lisboa permitia a atualização dos conhecimentos dos maranhenses mais curiosos sobre as novidades culturais e literárias da Europa.

Dois autores representam bem a situação da instrução no Maranhão no período da infância de Aluísio Azevedo: Dunshee de Abranches, em *O cativo*, *livro de memórias* (1941), e Graça Aranha, em *O meu próprio romance* (1931). Oriundos de famílias progressistas e muito ativas no campo da imprensa e da cultura, esses maranhenses famosos, ambos de origem portuguesa, e dez anos mais jovens que Aluísio Azevedo, conheceram bem a família do autor de *O cortiço*.

Ainda que Aluísio Azevedo tenha sofrido com a situação da sua mãe, perseguida pela sociedade conservadora de São Luís, e tenha vivido uma curta experiência como caixeiro, aos 13 anos de idade, numa empresa comercial de um português liberal e amigo do pai, ele não nutria nenhum sentimento de ódio ou de ressentimento contra os portugueses apenas por serem portugueses. No entanto, desde cedo manifestou forte repúdio ao sistema patriarcal, conservador e obscurantista, dominado por um clero ultramontano, movido por um racismo arraigado – decorrente do sis-

tema escravocrata – contra negros e mulatos que tivessem tido a sorte ou a oportunidade de estudar.

Deixar o Maranhão seria a melhor opção, que aliás seu irmão Artur já escolhera, ao instalar-se, ainda na adolescência, num espaço mais aberto, mais «civilizado», a capital do Império. Os dois primeiros anos de Aluísio no Rio de Janeiro (1876-1878) foram fundamentais na formação de sua personalidade, tanto no plano cultural como no intelectual. Sua relação com os portugueses da capital (artistas, jornalistas, caricaturistas, homens de letras...) seria determinante.

Na pequena comunidade de jovens artistas, poetas, jornalistas e intelectuais que frequentou – qualificada de «boêmia carioca» – havia um número significativo de portugueses. Dentre eles, o mais importante para o jovem maranhense foi, a meu ver, o caricaturista Bordalo Pinheiro. Este tinha chegado de Portugal no final de agosto de 1875, precedido pela fama de ser um caricaturista muito polêmico. Todos os que liam os jornais que chegavam de Lisboa tinham em mente as caricaturas e *portraits-charges* particularmente ofensivos do imperador D. Pedro II, que Bordalo realizara por ocasião da viagem a Portugal e a outros países europeus do imperador do Brasil. Aliás, esses desenhos e caricaturas tinham sido publicados em livro difundido em ambos os países, o que provocara certa animosidade contra o caricaturista português. Essa viagem

do imperador inspirara também a Ramalho Ortigão e Eça de Queirós «farpas» muito irreverentes, que tinham aguçado a latente lusofobia brasileira.

Decorreram desses escritos numerosas e violentas arruaças no Recife e até assassinatos de comerciantes portugueses na cidade pernambucana de Goiana. Assim, seria graças apenas à intermediação do irmão de Ramalho Ortigão, então comerciante de sucesso no Rio de Janeiro, que o doutor Ferreira de Araújo, fundador, em 1874, do famoso quotidiano *Gazeta de Notícias*, abriria, em 1878, as colunas desse jornal a Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. A colaboração bem remunerada continuaria por mais de 15 anos, fortalecendo os laços entre escritores portugueses e escritores brasileiros progressistas da geração de Aluísio Azevedo. Este, a partir de 1881, passaria a ser um colaborador próximo de Ferreira de Araújo.

Sabe-se a importância, na vida literária brasileira, da famosa polêmica na qual esteve envolvido Machado de Assis, por ocasião da difusão, no Brasil, de *O primo Basílio* de Eça de Queirós, dando origem a debates apaixonados entre defensores e detratores do realismo e do naturalismo. Aluísio Azevedo teve uma participação direta nessa polêmica junto a Bordalo Pinheiro, que foi para ele um verdadeiro mestre da arte da caricatura. Os desenhos publicados na *Comédia Popular*, de março a maio de 1878, momento do auge da polêmica, não deixam dúvidas quanto ao

compromisso de Aluísio Azevedo. Este publicava também artigos de crítica literária assinados sob o pseudônimo de Lambertini, nos quais defendia o «romance moderno» e Eça de Queirós com argumentos, em geral, inspirados por Ramalho Ortigão.

Aluísio Azevedo e Bordalo Pinheiro foram os mais ativos defensores de *O primo Basílio* na imprensa satírica do tempo. Bordalo foi um caricaturista muito polêmico e ganhou inimigos perigosos, sendo alvo de vários atentados. Para salvar a vida, decidiu regressar a Portugal com a família, em 1879. Aqui, além de caricaturas e pinturas, realizaria em Caldas da Rainha notável e famosa obra de ceramista. Apesar de estarem afastados, Aluísio Azevedo manteve fortes laços de amizade com o artista português, como provam as cartas que enviou por ocasião da passagem por Lisboa, a caminho do consulado brasileiro de Vigo, para o qual fora nomeado em 1896 (cf. Azevedo, 1938).

A formação literária de Aluísio Azevedo, durante sua primeira temporada no Rio de Janeiro, muito deve à leitura das *Cartas portuguesas* de Eça de Queirós, então publicadas na *Gazeta de Notícias*, e à leitura das *Crônicas* e das *Farpas* de Ramalho Ortigão, ambas no mesmo jornal. Aluísio acompanhou de perto os debates filosóficos e ideológicos do tempo, adquirindo principalmente conhecimentos sobre o positivismo, também graças ao convívio com o seu conterrâneo e amigo Teixeira

Mendes. Estes conhecimentos seriam aproveitados dois anos mais tarde em São Luís do Maranhão, quando, cronista e redator da revista *O Pensador*, escreveria *O mulato*.

Aluísio só conheceria pessoalmente Ramalho Ortigão vários anos depois, mas a amizade nascida no plano intelectual, nos anos 1878-1880, se transformou em amizade «tout court». São disso testemunho as já referidas cartas enviadas desde Lisboa e Vigo em 1896. A proximidade com Ramalho Ortigão e Bordalo Pinheiro nunca foi negada, antes foi reivindicada: para o autor maranhense era uma honra ser chamado pelos amigos do Rio e de São Luís de o «Ramalho Ortigão brasileiro».

Durante o período em que foi caricaturista no Rio de Janeiro, Aluísio Azevedo não se contentou em abordar temas culturais e literários. O grande drama da seca do Nordeste de 1877 deu origem a uma série de desenhos e caricaturas onde denunciava a falta de apoio, por parte do governo imperial, aos retirantes do Ceará, ilustrando assim, de certa forma, os relatos da tragédia publicados por José do Patrocínio na *Gazeta de Notícias*.

Os temas políticos foram as principais fontes de inspiração do jovem Aluísio. Em suas caricaturas – inspiradas pelas *Viagens do Barão de Münchhausen*, personagem fantástico imaginado pelo escritor alemão Rudolph Eris Rape, em 1785 – criticou as viagens do imperador ao estrangeiro. Mas sua inspiração

bebeu também na fonte de certas caricaturas do amigo Bordalo Pinheiro, publicadas no famoso livro de 1873, *Apontamentos sobre a picaresca viagem do Imperador do Brasil pela Europa*, que desencadeara a forte polêmica no Brasil, acima referida.

Aluísio denunciava o abandono do país em mãos de políticos incompetentes e corruptos. Nem os medalhões da política do Império, como o Duque de Caxias ou o próprio imperador D. Pedro II, eram poupados. O obscurantismo da Igreja católica, estreitamente ligada ao Império, em virtude da instituição do Padroado, herdado do período colonial, o parasitismo dos padres, os inúmeros casos de devassidão do clero, o apoio da mesma Igreja – grande proprietária de escravos – ao sistema patriarcal escravocrata eram constantemente denunciados pelo caricaturista maranhense. Ele não escondia suas convicções laicas, sua adesão às ideias republicanas e positivistas, ao princípio da separação da Igreja e do Estado e, evidentemente, seu apoio às campanhas pela abolição da escravidão. A posição de Aluísio Azevedo com relação à Igreja muito lembrava os debates que surgiram em Lisboa no momento da publicação de *O crime do Padre Amaro*, por Eça de Queirós, poucos anos antes.

O controle do comércio pelos portugueses, cuja principal ambição parecia ser o desejo de enriquecer às custas do povo brasileiro, para chegarem a comendadores e até a barões, inspirou caricaturas notáveis como «Os

trinta botões», em *O Figaro* (15-05-1876). Nesta representação alegórica do neocolonialismo português, o Brasil aparece como uma máquina de enriquecer aventureiros que, tendo chegado em geral miseráveis ao Brasil, conseguem, graças à exploração do povo – alegoricamente representado por um índio –, se tornar, em poucos anos, ricos e opulentos comendadores e barões.

Essas caricaturas e crônicas de Aluísio Azevedo são, sob muitos aspectos, prenúncios do importante livro que Manuel Bomfim publicaria 25 anos depois, *América Latina, males de origem* (1993 [1905]), onde denuncia a responsabilidade do colonialismo e do neocolonialismo português no atraso do Brasil.

É interessante frisar que todos esses temas ilustrados pelo caricaturista na imprensa satírica da corte seriam retomados e ampliados alguns anos mais tarde, não só nos principais romances de Aluísio Azevedo, como também em vários romances folhetins.

Seria o romancista maranhense uma exceção? Seriam as caricaturas a manifestação de um antilusitanismo particular? Parece-me que não. O fato de os portugueses mais ricos exercerem profissões ligadas ao comércio e às finanças, e em vários casos à especulação, tornava-os excelentes bodes expiatórios, alvos da inveja e da raiva do povo que se considerava explorado. O antilusitanismo perdurava de forma latente, arraigado desde

a época da independência do Brasil. De certa forma, Aluísio Azevedo traduzia na sua obra o sentimento e a percepção da opinião pública. Todavia sua atitude não era discriminatória; suas críticas dos vícios da sociedade brasileira não eram menos agudas.

Cabe ressaltar, no entanto, que essa atitude crítica não afetava a profunda amizade e admiração de Aluísio Azevedo pelos artistas, escritores e intelectuais portugueses com quem convivia ou com quem se correspondia. Para ilustrar este tema, é de lembrar uma fonte de inspiração do escritor maranhense insuficientemente estudada pelos críticos.

Muito se escreveu sobre a representação dos imigrantes portugueses na obra de Aluísio Azevedo. Porém, um tema foi, de forma geral, esquecido: a situação da mulher na sociedade brasileira e luso-brasileira e a luta travada pelo romancista na imprensa e em seus romances a favor da dignidade, da educação e da emancipação das mulheres, além do questionamento da instituição do casamento e do papel das mulheres na educação dos filhos.

Sobre esses temas quem mais inspirou e influenciou Aluísio Azevedo foi uma portuguesa, a ensaísta, pedagoga e poetisa Maria Amália Vaz de Carvalho, casada com o poeta brasileiro Gonçalves Crespo. Seu papel foi fundamental durante a primeira fase das lutas feministas em Portugal e na Europa, entre 1878 e 1900. A partir de janeiro de 1878, esta escreveu ar-

tigos, publicados nos jornais do Rio de Janeiro, sobre o papel da mulher na sociedade, sobre o casamento civil, sobre o divórcio, sobre a família, a educação dos filhos, etc., assuntos que dariam lugar a debates apaixonados. Aluísio Azevedo redigiu numerosos artigos publicados na revista *O Pensador* (1880-1881), além de comentários sobre o congresso feminino de Paris, em 1878, e os congressos de Lisboa e outras capitais europeias nos anos seguintes, nos quais frisa o papel da autora e a importância das teses de Maria Amália Vaz de Carvalho. Para ela, todo o mal tinha origem na ociosidade e na preguiça das mulheres das classes abastadas, que viviam em sociedades machistas e conservadoras. Apenas uma mudança radical na educação e na concepção do casamento poderia permitir a progressiva emancipação da mulher, base da felicidade da família. A fim de paliar às insuficiências e eficiências da educação tradicional, a autora portuguesa elogiava os méritos de uma educação positivista.

As mulheres da burguesia não tinham acesso ao ensino universitário e, na maioria dos casos, tampouco a uma formação profissional que lhes garantisse a liberdade de escolha. Permaneciam assim na dependência do pai e depois do marido, por esse escolhido; e sob o controle de um clero reacionário, guardião da «moralidade» das famílias. As mulheres do povo eram as únicas obrigadas a trabalhar, mas, não tendo qualificações, o faziam em



funções subalternas, para suprir as necessidades das famílias.

A situação era ainda pior no Rio de Janeiro e em São Luís do Maranhão do que na capital portuguesa, e Aluísio Azevedo muito se inspirou nas teses da autora feminista lusitana, já quando se encontrava no Rio de Janeiro e logo em São Luís do Maranhão, nas páginas da revista *O Pensador*, e na primeira edição de *O mulato*, em 1881. No ano seguinte já de volta no Rio de Janeiro, continuaria a promover essas ideias progressistas nos jornais e revistas, assim como em seus romances e peças de teatro.

Essa cumplicidade intelectual havia de alcançar seu ápice em o *Livro de uma sogra*, publicado em 1893, em pleno debate sobre o casamento civil e o divórcio no congresso brasileiro. Já se haviam passado 15 anos, desde o congresso feminino de Paris, altura em que nascera entre ambos uma amizade intelectual que a troca de cartas afirmara. Foi durante as três semanas que passou em Lisboa, a caminho de Vigo em 1896, que finalmente, com muita emoção e carinho, ocorreu o encontro entre ambos, como provam as cartas publicadas em livro póstumo pela editora Briguiet, *O touro negro*, de 1938.

A partir de 1882, as relações de Aluísio Azevedo com os escritores portugueses e com Portugal tomariam outras formas. É conhecida a profunda influência da literatura portuguesa e dos romances da literatura francesa, através

de suas traduções em português, e particularmente dos folhetins publicados nos diários cariocas e de capitais de província, sem que os autores e/ou os tradutores portugueses recebessem sequer um tostão. Portanto, os autores brasileiros sofriam uma concorrência ilegal e desleal que limitava flagrantemente a sua capacidade a viver da própria pena.

Nos jornais cariocas, Aluísio Azevedo promoveu várias campanhas na imprensa para o reconhecimento dos direitos autorais. Fê-lo em parceria com seu amigo, o jornalista polemista e escritor Pardal Mallet, apoiados por autores mais conhecidos, como Machado de Assis e o doutor Ferreira de Araújo, diretor da *Gazeta de Notícias*. Este, ao contrário de outros diretores de jornal, retribuía de forma muito correta as correspondências dos autores portugueses como Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. O intuito era o reconhecimento da reciprocidade nos direitos autorais dos portugueses no Brasil e dos brasileiros em Portugal, embora ambos estivessem conscientes da fraca penetração dos livros de autores brasileiros nesse país.

Os escritores brasileiros que acompanharam Aluísio Azevedo nessa luta iam contra a vontade do imperador D. Pedro II. Este seguia a posição de Alexandre Herculano, contrária ao reconhecimento dos direitos autorais, defendidos por Almeida Garrett, entre outros.

Aluísio Azevedo e seus companheiros travaram árdua peleja, mas obtiveram, em 1889, a assi-

natura de um acordo entre Portugal e o Brasil. Com a França, só em 1891, já sob o regime republicano, é que um projeto de acordo viria à luz. O acordo luso-brasileiro contemplava também o pagamento de direitos aos autores de teatro portugueses que, sem lucro algum e involuntariamente, faziam concorrência aos autores brasileiros.

Esta postura e o comprometimento de Aluísio Azevedo são provas evidentes da ausência de qualquer lusofobia em suas relações com escritores e artistas portugueses. O maranhense tinha a convicção de que era indispensável instaurar uma ordem justa nas relações entre os escritores portugueses e o mercado editorial brasileiro, condição essencial à emergência de uma produção literária brasileira que permitisse aos autores brasileiros não só sobreviver, mas principalmente viver dos livros publicados, sem que tivessem que buscar ocupar cargos administrativos ou quaisquer outros benefícios que os mantivessem na dependência do poder público.

Assim, a vida de Aluísio Azevedo foi uma luta permanente. Homem de convicções firmes, nunca se dobrou perante o Império, nunca tendo ocupado qualquer um cargo administrativo, como tantos outros. Republicano ativo, acompanhou o novo governo em 1889, mas a aventura foi de curta duração. Viria a perder o cargo para o qual fora nomeado quando Floriano Peixoto demite o governador Portela,

pelo pecado de ser próximo do Marechal Deodoro, primeiro presidente.

Embora frustrado com o rumo da vida política, Aluísio retoma a luta em prol da melhoria das condições de vida dos escritores brasileiros. Dirigindo-se aos escritores desiludidos, no jornal *O Combate*, em 1892, não esconderia, contudo, o seu pessimismo ao declarar: «Começo a convencer-me de que [...] infelizmente a vida literária de hoje no Brasil, é uma coisa tão hipotética como a vida elegante na costa da África» (Azevedo, 1938: 60).

Mas esse pessimismo, na época da grave crise econômica e financeira – o famoso Encilhamento – que arruinaria inúmeros brasileiros e enriqueceria escandalosamente alguns especuladores, não lograria apagar o sentimento de profundo amor à língua portuguesa e à literatura lusa. Este se manteve constante, mesmo após a mudança de vida que ocorreria em 1896, ano em que se tornou diplomata concursado.

Numa carta dirigida a Batista Xavier, diretor do *Petit Journal* de Porto Alegre, declarou numa carta, encaminhada de Cardiff, cidade onde era cônsul do Brasil: «Quem conhece o nosso idioma, está farto de saber que em beleza não cede ele o passo a nenhum outro, nem se pode conceber língua mais rica, mais harmoniosa, mais literária e enfim mais completa» (Azevedo, 1938: 114). Depois de estudar os méritos respectivos de diversas línguas dos povos

mais ilustres, declara-se pois «um defensor da língua portuguesa»: «Consagrei a minha mocidade e as minhas vigílias, amei-a, não com palavras mas com obras, não sonhando, mas trabalhando [...] seus frutos lá estão, para prova, na própria estante de livros» (Azevedo, 1938: 119).

Esta declaração de amor à língua portuguesa é uma prova que vem se agregar às já enumeradas e para ressaltar que muito se exagerou sobre o suposto antilusitanismo de Aluísio Azevedo, que nunca renegou a sincera, profunda e duradoura amizade por seus amigos portugueses. Para ilustrar isso, passo a citar alguns trechos de cartas dirigidas a um amigo luso-brasileiro, Florindo de Andrade, enviadas logo que chegou a Vigo, em 20 de abril de 1896:

Cá estou desde o dia 23 do mês passado, depois de ter disfrutado vinte dias em Lisboa, durante os quais pouco mais tempo tive do que corresponder às infinitas amabilidades de teus compatriotas. São com efeito verdadeiramente amáveis e bons rapazes os homens de espírito da famosa Lisboa!

Não só os homens, a Maria Amália Vaz de Carvalho é, posto que bem camarada de viver, encantadora como mulher de espírito, e assim outras com quem tive o prazer de tratar de perto. Entre a gente de teatro, uma foi além na amabilidade, Dona Maria Penha, que estranha retardatária! Teve a fantasia de enfeitar-se para mim, o que fez que eu embandeirasse de amor os naufragados montarés deste velho casco. (Azevedo, 1938: 160)

Em outra carta de 2 de setembro de 1896, completa:

Um dos melhores momentos da minha vida foi quando pisei as terras de Afonso Henriques! E que rapazes! Com os 50 e tantos anos do Marquês de Franco não espantam a quem quer que seja! Como o Tomás Ribeiro é moço! Como Bordalo é doido! Como Ramalho é encantador! Se soubesses pelo miúdo como vivi com essa gente e com outra muita, beijado pela nossa Cenira Polónio e amado, (parece incrível) pela mais adorável criatura que os meus joelhos apertaram em críticos instantes de ventura (Azevedo, 1938: 163-164).

Nesse livro póstumo podemos encontrar muitas outras lembranças das prazerosas experiências de Aluísio em Lisboa ou em Sintra, mas fugiríamos do tema deste texto. Estas rápidas evocações da felicidade do romancista em Portugal vêm apenas comprovar a profunda amizade que unia Aluísio Azevedo aos escritores e intelectuais portugueses mais importantes da sua geração, desmentindo, se preciso fosse, o suposto antilusitanismo do autor.

### **Bibliografia**

- ABRANCHES, Dunshee (1941). *O cativoiro. Livro de memórias*. s.n. Rio de Janeiro;
- ARANHA, Graça (1931). *O meu próprio romance*. Companhia Editora Nacional. São Paulo;
- AZEVEDO, A. (1938). *O Touro negro (contos, crônicas e cartas)*. Breguiet. Rio de Janeiro;
- BONFIM, Manuel (1993 [1905]). *América latina, males de origem*. Topbooks. Rio de Janeiro, Topbooks.